

# Cidades perdidas, imaginários expedicionários e modernidades ocultistas: o sumiço de Percy Harrison Fawcett

Lost Cities, Expeditionary Imaginaries and Occultist Modernities:  
the disappearance of Percy Harrison Fawcett



Este é um artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

**BEATRIZ JAGUARIBE**

[orcid.org/0000-0002-4696-5831](https://orcid.org/0000-0002-4696-5831)

Universidade Federal  
do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Rio de Janeiro (RJ). Brasil.

### RESUMO:

Em 1925, o Coronel Percy Harrison Fawcett (1867-1925), seu filho Jack (1903-1925) e o melhor amigo deste, Raleigh Rimmel (1902-1925) desapareceram nas selvas do Mato Grosso em busca de uma cidade perdida. O sumiço de Fawcett e seus companheiros ocasionou uma desbordante reação internacional. No Brasil, além das reportagens e declarações de autoridades federais e locais, o desaparecimento do coronel inglês suscitou reações do sertanista mais abalizado do país: Cândido Mariano Rondon (1865-1958). Neste ensaio, exploro aspectos específicos da aventura de Fawcett centrados em duas vertentes indagativas. A primeira se refere aos diferentes projetos expedicionários nos sertões brasileiros e aos contrastantes imaginários de modernidades ocultistas/positivistas encampados por Fawcett e Rondon no âmbito dos anos 1920. A segunda vertente coteja as visões e os contextos interpretativos das narrativas de *Exploration Fawcett* (1953), compilado por Brian Fawcett, do livro de memórias, *Ruins in the Sky* (1958), escrito pelo mesmo autor, e a reportagem *E Fawcett não voltou* de Edmar Morel (1944), e *Esqueleto na Lagoa Verde*, de Antonio Callado (1953). Em termos metodológicos, o ensaio enfoca fontes primárias, realiza uma análise crítica dos textos elencados, oferece contextualizações históricas e dialoga com perspectivas antropológicas. Finalmente, o ensaio evoca os imaginários sobre modernidades encantadas/desencantadas, realidade/ficção, projetos de nação, natureza amazônica e os seus habitantes indígenas.

### PALAVRAS-CHAVE:

Fawcett, Rondon, modernidades, ocultismo, expedições no Mato Grosso

### ABSTRACT:

In 1925, Colonel Percy Harrison Fawcett (1867-1925), his son Jack (1903-1925), and Jack's best friend, Raleigh Rimmel (1902-1925) disappeared in the jungles of Mato Grosso in search of a lost city. Their disappearance provoked an overwhelming international reaction. In Brazil, in addition to reports and statements from federal and local authorities, the English colonel's disappearance elicited reactions from the most authoritative expert on the backlands of Brazil: Cândido Mariano Rondon (1865-1958). In this essay, I explore specific aspects of Fawcett's adventure centered on two strands of inquiry. The first refers to the different expeditionary projects in the Brazilian backlands and the contrasting imaginaries of occult/positivist modernities embraced by Fawcett and Rondon in the 1920s. The second compares the visions and interpretative contexts of the narratives of *Exploration Fawcett*, (1953), compiled by Brian Fawcett, the memoir, *Ruins in the Sky* (1958), written by Brian Fawcett, and the reports "E Fawcett não voltou" by Edmar Morel (1944), and "Esqueleto na Lagoa Verde" by Antonio Callado (1953). Using primary sources, critical textual analysis, historical contexts, and anthropological perspectives, the essay highlights a range of imaginaries concerning enchanted/disenchanted modernities, reality/fiction, the nation, Amazonian nature and Indigenous inhabitants.

### KEYWORDS:

Fawcett, Rondon, modernities, occultism, expeditions in Mato Grosso

## INTRODUÇÃO

Pesquisando nos arquivos da Comissão Rondon sobre a feitura do mapa do Mato Grosso, me deparei com várias referências ao Coronel Percy Harrison Fawcett (1867-1925). Em 1925, o Coronel Fawcett, seu filho Jack (1903-1925) e o melhor amigo deste, Raleigh Rimmel (1902-1925) desapareceram nas selvas do Mato Grosso em busca de uma cidade perdida. Desde a sua desapareição, a fama de Fawcett não parou de crescer. As múltiplas expedições em busca dos rastros de Fawcett que se iniciaram em 1928 e seguiram até recentemente insuflaram a lenda do explorador desaparecido. Afora uma vasta bibliografia, a saga de Fawcett manteve seu forte apelo midiático inspirando um *blockbuster* como *Indiana Jones* (1981) e convertendo-se no tema principal do *bestseller* do jornalista David Grann, *The Lost City of Z* (2009) cujo livro, por sua vez, foi adaptado para filme com o mesmo título dirigido por James Gray e lançado em 2017.

Neste ensaio, exploro aspectos específicos da aventura de Fawcett centrados em duas vertentes indagativas. A primeira se refere aos diferentes projetos expedicionários nos sertões brasileiros e aos contrastantes imaginários de modernidades ocultistas/positivistas encampados por Fawcett e Rondon no âmbito dos anos 1920. Para tanto, dentro dos limites deste ensaio, busco articular como o positivismo de Rondon e o ocultismo de Fawcett podem ser compreendidos em diálogo com a conhecida conceituação de Max Weber sobre a modernidade desencantada (Weber, 2010) e textos relativamente recentes que elucidam como uma fabricação particularmente moderna de encantamento emergiu como resposta ao racionalismo instrumental calculista (Oppenheim, 1985; Owen, 2004).

A segunda indagação deste ensaio coteja as visões e os contextos interpretativos das narrativas de *Exploration Fawcett* (1953), compilado por Brian Fawcett, do livro de memórias *Ruins in the Sky* (1958), escrito pelo mesmo autor, e das reportagens “E Fawcett não voltou”, de Edmar Morel (1944), e “Esqueleto na Lagoa Verde”, de Antonio Callado (1953). Ao focar uma análise discursiva desses textos e seus contextos históricos, viso questionar os limites e ambivalências entre ficção realista e reportagem factual para colocar em pauta como a história de Fawcett mobilizou questionamentos sobre nação, modernidades brasileiras e culturas indígenas.

Primeiramente, cabe perguntar o porquê deste fascínio com um explorador que, nas palavras do eminente historiador da Amazônia, John Hemming, fomentava “besteiras eugenistas” exibia “uma obsessão com o exótico e o oculto” e “tinha uma atitude perigosa em relação aos indígenas” (Hemming, 2003, p. 78-79, tradução nossa). Em artigo sobre o filme, *The Lost City of Z*, Hemming profere seu veredito sobre Fawcett: “Foi um agrimensor que nunca descobriu nada, um maluco, um racista e tão incompetente que a única expedição que organizou foi um desastre de cinco semanas” (Hemming, 2017, tradução nossa). Para Hemming, a única contribuição válida de Fawcett foi seu primeiro trabalho como agrimensor em 1906, quando foi contratado pelo governo boliviano para redesenhar a fronteira entre o Brasil e a Bolívia. Entretanto, a desapareição do coronel inglês causou sensação por uma miríade de motivos. Entre elas, cabe

- 1 A desapareição de Fawcett em 1925 deslançou uma copiosa quantidade de expedições. Dentre essas – afora a expedição comandada pelo explorador George Miller Dyott, enviado pelo Royal Geographical Society em 1928, que resultou no livro *Man Hunting in the Jungle* –, houve a expedição de Peter Fleming, irmão do famoso escritor, Ian Fleming, o inventor de James Bond. Peter Fleming narra sua fracassada busca por Fawcett no livro *Brazilian Adventure* (1933), que se tornou um clássico de narrativas expedicionárias, por seu humor um tanto depreciativo.

destacar sua posição militar, embora na época de sua derradeira expedição já estivesse fora do exército britânico, e sua nacionalidade, já que era pertencente a um país que ainda possuía um potente império. Esses fatores e o apelo do exótico amazônico já eram motivos suficientes para mobilizar a mídia.<sup>1</sup>

Nos anos recentes, o fascínio por Fawcett se alimenta de outros motivos: crise ecológica, valorização de passados não ocidentais, buscas esotéricas e o apelo nostálgico da figura do explorador num mundo onde inexistem fronteiras geográficas a serem exploradas. As evidências do câmbio climático divulgadas pela mídia e a difusão de uma noção de mundo devastado avivam o interesse pela Amazônia como reserva ecológica. Já escavações arqueológicas recentes apontam para a espessura de histórias nas paisagens amazônicas, pois os achados materiais revelam a existência prévia de povoados numerosos que foram obliterados. Descobertas recentes de construções ocultas na Amazônia boliviana e equatoriana redimensionam a visão que pesquisadores abalizados do século XX tinham da floresta como um ecossistema incompatível com a existência de aglomerações humanas numerosas (Prumers *et alii*, 2022). Do lado brasileiro, o arqueólogo Eduardo Goés Neves (2024c) lidera o projeto *Amazônia revelada*, detectando com a tecnologia Lidar vestígios de culturas pretéritas na floresta.

Em seu livro, Grann retrata Fawcett como um precursor que, pese suas ideias fantasiosas, teria vislumbrado as pegadas ocultas de culturas antigas. Legitimando a narrativa da cidade perdida iniciada por Fawcett, o jornalista destaca o trabalho do antropólogo americano Micheal Heckenburger, que realiza há anos pesquisa entre os Kuikuros no Xingu e reivindica a existência de povoados extensos na antiguidade amazônica. Finalmente, a busca esotérica de Fawcett reverbera nos movimentos *New Age* que floresceram nos anos 1970-80. De maneira mais pontual, sua procura por uma realidade alternativa nas profundezas do Mato Grosso foi ativada na seita fundada por Ugo Luckner, em 1968, na Serra do Roncador (Leal, 2000). Tal como Fawcett, Luckner acreditava em portais que permitiam o acesso a realidades alternativas.

No contexto dos anos 1920, o desaparecimento de Fawcett atçou a produção de notícias e rumores e consternou diretamente as autoridades do governo federal e do Mato Grosso. Da parte das autoridades e das elites regionais, o sumiço do explorador projetava a imagem do Brasil como um reservatório selvático, em vez de uma nação imbuída de ordem e do progresso.

Em diálogo com a copiosa literatura sobre Fawcett, não pretendo acrescentar novas fontes ao amplo repertório consolidado. É preciso enfatizar, inclusive, que o Fawcett conhecido pelo público é aquele cujos escritos foram compilados e editados pelo seu filho Brian no livro de 1953, *Exploration Fawcett*. Esse livro e o burburinho instigante da mídia incentivaram o fascínio por Fawcett. Entretanto, um número reduzido de pesquisadores teve acesso aos famosos papéis secretos do explorador. Esse material traz à tona um Fawcett dedicado ao ocultismo-esotérico, cuja missão era cumprir com o “grande esquema”, ou seja, a fundação de uma seita para iluminados.<sup>2</sup> Para o dramaturgo Misha Williams, que teve acesso completo aos papéis secretos de Fawcett, a derradeira expedição não teria sido motivada somente pela ânsia de encontrar

- 2 Agradeço a Andrew Lees pelo seu generoso esclarecimento de detalhes sobre os papéis secretos de Fawcett.

as ruínas de uma cidade perdida nas profundezas da Amazônia (Lees, 2020). A missão secreta consistia na fundação de outra ordem civilizatória que se difundiria a partir de sua base no Mato Grosso. Os papéis secretos do arquivo Fawcett contêm também os volumosos diários de Brian, o segundo filho de Fawcett, que fora preterido pelo pai. Engenheiro, escritor e ilustrador, Brian foi o principal encarregado de divulgar a lenda paterna. Em seu livro, *Ruins in the Sky* (1958), nos comentários dirigidos à imprensa e nos diálogos que manteve com interlocutores brasileiros sobre a saga de Fawcett, operou dentro da normatividade do realismo consensual. Porém, em seus diários, revela uma pulsante dimensão ocultista, explicitando sua intensa relação com um espírito feminino que designa pela letra M. (Lees, 2020, posição 1 185).

Não tendo tido acesso aos papéis secretos, minhas indagações não pretendem resolver o *enigma* Fawcett. O que busco destacar são os imaginários embricados na produção do *mito* Fawcett e como o seu ocultismo, afora a excentricidade de sua pessoa, dialoga com ideários de uma “modernidade encantada” (Weber, 2010). Para tanto, destaco as figuras de Percy Harrison Fawcett e Cândido Mariano Rondon como emblemas de ideários contrastantes sobre as narrativas e os significados da condição moderna encantada e desencantada.<sup>3</sup> Essas visões contrastantes desembocam, por sua vez, na compreensão/desentendimento de ambos em relação à exploração e ocupação das selvas brasileiras e à percepção que tinham dos seus habitantes indígenas.

Nesta comparação, aclaro que não pretendo equiparar em relevância as figuras de Rondon e Fawcett. Rondon foi um personagem de peso na história nacional brasileira durante a Primeira República até inícios dos anos 1950 (figura 1). Como um homem mestiço de condição social subalterna, construiu arduamente sua carreira galgando o topo da hierarquia máxima militar como Marechal. Percy Fawcett foi meramente um oficial de mediana patente do exército britânico (figura 2), um explorador desgarrado que, apesar de ter nascido em meios aristocráticos, passou a vida desprovido de recursos financeiros. Enquanto Rondon se consagrou pela sua presença e pelo impacto de suas ações e feitos, Fawcett adquiriu dimensões lendárias justamente pela sua ausência.

3 Em seu livro, *Coronel Fawcett, a verdadeira história do Indiana Jones*, Hermes Leal enfatiza os desentendimentos entre Rondon e Fawcett.

**FIGURA 1.**  
Marechal Rondon (1911).  
**Fonte:** Acervo do autor.

**FIGURA 2.**  
Coronel Percy Fawcett (1911).  
**Fonte:** domínio público



As explorações da Comissão Rondon nos sertões brasileiros fomentaram pesquisas etnográficas, cartográficas, geográficas e botânicas e ativaram a presença do Estado. A ação *pacificadora* de Rondon perante os indígenas alterou profundamente a vida desses povos e sua marca institucional na criação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), em 1910, colocou a questão territorial dos indígenas em alto destaque. As interpretações sobre Rondon são, evidentemente, coloridas não somente pelos cambiantes parâmetros de diferentes períodos históricos, mas também pelo posicionamento dos agentes que o contemplam. Entre os polos mais distanciados estaria a consagração militar de Rondon como protetor das fronteiras brasileiras e fomentador da nacionalidade. Em contraste, está a revisão crítica antropológica e historiográfica que posiciona Rondon como agente da aculturação indígena, como fomentador do regime de tutela que ocasionou a subordinação dos indígenas aos órgãos do Estado e aos funcionários do governo para realizarem qualquer petição sobre seus próprios destinos (Lima, 1995; Oliveira, 2016).

Como adepto do ocultismo, seguidor de crenças teosóficas postuladas na comunicação com outras realidades e buscador da cidade mítica de Atlântida, que julgava ter existido no Brasil, Fawcett apostava nas civilizações do pretérito para encontrar a redenção do futuro. Sua atitude marcada pela repulsa à sociedade tecnológica e pela admiração pelas civilizações antigas, com destaque para o império Inca, coexistia com a firme adesão aos preceitos racistas do seu tempo e com a convicção de que a busca pela cidade perdida era legitimada pela ciência. Como apontam os estudos de Owen (2004) e Oppenheim (1985) sobre esoterismo e ocultismo na Inglaterra no final do século XIX e início do XX, os ensinamentos da famosa ocultista Madame Blavatsky (1831-1891), fundadora com Henry Steel Olcott (1832-1907) da Sociedade Teosófica, em 1875, insistiam na compatibilidade entre o ocultismo e a ciência. Mas na visão de Blavatsky, assim como na perspectiva dos membros do *The Order of the Golden Dawn*, outra conhecida sociedade esotérica, a realidade não podia ser pautada apenas por evidências empíricas. A crença em realidades paralelas, reencarnações e a busca por verdades ocultas insurgiam contra os ditames da ciência na sua vertente positivista.

Em contraste, Rondon, fervoroso seguidor do positivismo de Comte (1798-1857), acreditava numa história linear, evolutiva e impulsionada pelo progresso. A ciência era validada por comprovações empíricas e jamais por especulações ou forças ocultas. Como agente do Estado brasileiro, sua missão era incorporar os indígenas aos projetos da nação, visando protegê-los das espoliações violentas e agressões de extermínio que sofreram ao longo da história do Brasil. Embora considerasse que os diferentes povos indígenas eram os guardiões dos seus territórios e deveriam ser compreendidos nas suas especificidades culturais, Rondon projetava a marcha do inexorável *progresso* como uma homogeneização inevitável. Em relação aos ideários cientificistas e aos contextos altamente discriminatórios da época: “A crença positivista era em geral favorável aos indígenas brasileiros”, segundo a avaliação de Hemming (2003, p. 15, tradução nossa). Descrente do ideário do progresso e como cidadão inglês, Percy Fawcett não tinha compromisso com a construção da nação brasileira. Sua relação com os diferentes grupos indígenas que encontrou variava de



acordo com seus preceitos pautados pela sua leitura mítica do passado incaico. Sobretudo, a busca pela cidade perdida e a fundação de uma nova ordem civilizatória eram alimentadas pelo projeto de consagração de sua supremacia espiritual e política.

A segunda indagação que anima este ensaio é sobre o poder da narrativa e como os limites entre realismo, verossimilhança, fantasia e ficção são testados e esgarçados nas diferentes versões sobre Percy Harrison Fawcett e seu desaparecimento. Rumores, desmentidos e alegações revelam impasses, expectativas e dilemas culturais dos anos 1940-50. Entre essas narrativas se destacam duas reportagens brasileiras. A primeira é do repórter dos *Diários Associados*, Edmar Morel (1912-1988), “E Fawcett não voltou”, publicada em 1944. A segunda é “Esqueleto na Lagoa Verde”, do escritor-jornalista Antonio Callado (1917-1997), publicada em 1953, quando trabalhava no *Correio da Manhã*, jornal concorrente do conglomerado de Assis Chateaubriand. Brian Fawcett, por sua vez, publicou *Exploration Fawcett*, em 1953. O livro torna-se um clássico das aventuras expedicionárias e, afora seu considerável êxito de público, também colheu generosos elogios críticos. Brian se posiciona como editor, compilador dos escritos do desaparecido pai e ilustrador dos desenhos que adornam o início de cada capítulo. Entretanto, sua atuação como editor configurou-se em algo bem mais decisivo na medida em que criou um livro coerente com base em uma confusa miríade de documentos dispersos que incluem diários, cartas e memorandos. Em *Ruins in the Sky* (1958), Brian Fawcett não se restringe às aventuras de Percy Harrison Fawcett, ou PHF como gostava de ser chamado (Lees, 2020), já que vários capítulos da primeira parte são dedicados à sua trajetória no Peru como engenheiro ferroviário. Na segunda parte, ele trava um acerto de contas com as conjunturas de Edmar Morel, embora não o mencione pelo nome e diga sempre que é um jornalista de São Paulo, quando Morel atuava no Rio de Janeiro. Narra sua expedição ao Xingu, em que esteve presente Antonio Callado, e menciona a reportagem, “Esqueleto na Lagoa Verde”.

## DEDO NO MAPA

Poucos olhos tiveram acesso aos manuscritos privados de Fawcett, embora o arquivo sobre o explorador, conservado na Royal Geographical Society (RGS), em Londres, tenha uma visita assídua, dada a abundância do que o historiador John Hemming denominou como sendo os *Fawcett freaks* (Grann, 2009, p. 71). Conforme narrado por Andrew Lees, o dramaturgo Misha Williams, que escreveu a peça *AmaZonia*, baseada na figura e no sumiço de Fawcett, teve amplo acesso aos papéis da família (Lees, 2020, posição 753). Os escritos secretos de Fawcett acentuam os pendores ocultistas do explorador inglês. Em *Exploration Fawcett*, a busca obsessiva pela cidade perdida de Z contrasta com as descrições vívidas e as observações que o explorador tece sobre cidades como La Paz e Rio de Janeiro, bem como sobre suas impressões acerca da terrível exploração dos indígenas escravizados na extração da borracha. Na expedição ao Xingu, em companhia de Antonio Callado, Brian zelava pela memória do pai e buscava contornar as paixões paternas ocultistas com

o retrato heroico/exemplar de um explorador destemido, um cientista sagaz e um conhecedor das selvas abalizado por anos de experiências.

Nos papéis secretos, desponta um Fawcett místico-esotérico que acreditava na missão de resgate do passado para erguer um culto ao redor dos princípios teosóficos de *seres especiais* imbuídos de dons extraordinários. Ao se colocar num plano de comunicação superior com *outras realidades*, Fawcett se desprende do realismo racionalista para pairar acima dos cenários convulsos da modernidade. Fawcett rejeitava a modernidade conformista e instrumental, enquanto nutria teorias racistas sobre a superioridade branca e a resiliência dos ingleses. Seu cientificismo foi moldado pelos ambientes institucionais ingleses, como a RGS, onde foi aluno em 1901. O interesse pelo ocultismo floresceu quando atuava como oficial de artilharia no Ceilão, atual Sri Lanka, e por influência do irmão, Edward Douglas Fawcett (1866-1960), que se tornaria um reconhecido escritor de ficção científica. Edward era também colaborador de Madame Blavatsky que professava uma comunhão com espíritos evoluídos, encarnações dos Mahatmas indianos, e acreditava na criação de uma irmandade branca que iluminaria o mundo em paz e harmonia. Uma das figuras mais controversas da época, Blavatsky associava crenças em reencarnação, realidades paralelas e diálogo com os mortos aos preceitos científicos então vigentes (Johnson, 1994).

Fawcett avidamente desejou obter reconhecimento nos recintos da RGS. Nutria uma conhecida rivalidade com o explorador americano Hamilton Rice (1875-1956), que realizou importantes expedições na Amazônia brasileira. Hamilton Rice recebeu a *Patron's Medal* da RGS em 1914, enquanto Fawcett foi agraciado com a *Founder's Medal*, em 1916. Reunidos no seletor clube de sociedades geográficas, esses exploradores tinham a ânsia de colocar o dedo no mapa e apontar as regiões inexploradas da Amazônia como tendo sido, finalmente, desbravadas por eles. As expedições que Rice realizou nos anos 1920 contavam com a tecnologia mais atualizada da época, incluindo não somente hidroaviões e equipamentos radiofônicos de última geração, como também as filmagens sofisticadas de Silvino Santos (1886-1970), que realizou filmes sob seu auspício. Afora a concorrência com Rice, Fawcett também tivera sua busca por Z alimentada pelo encontro do arqueólogo amador, Hiram Bingham (1875-1956), com as ruínas de Machu Picchu. Em 1911, Bingham é levado por um camponês peruano, Melchor Arteaga, para Machu Picchu e publicita sua *descoberta* como sendo a *cidade perdida dos Incas*. Leitor dos relatos dos conquistadores espanhóis, Fawcett entrevê as esplendorosas ruínas andinas como prova da existência de cidades fabulosas que poderiam também ser descortinadas nas profundezas da selva amazônica.

Embora tivesse desprezo pelos artifícios civilizatórios e pela vida urbana, Fawcett se considerava um cavalheiro inglês, e sua atuação profissional em nada feriu os preceitos do Império Britânico. Foi em 1886, no início de sua carreira militar, postado no Ceilão, que PHF avistou ruínas de civilizações e observou inscrições em pedra que depois identificaria como semelhantes aos grafismos descritos pelos bandeirantes no interior da Bahia no famoso manuscrito de 1753, guardado até hoje na Biblioteca Nacional.



Quando, em 1920, chega ao Rio de Janeiro em busca de subsídios para sua expedição no Mato Grosso, Fawcett já havia realizado várias expedições amazônicas, e suas explorações eram conhecidas por Cândido Mariano Rondon até mesmo porque, em 1909, membros da expedição Rondon participaram na exploração do Rio Verde.

## O ENCONTRO, 1920: EPITÁCIO PESSOA, RONDON E FAWCETT

Em 1920, ansiando se consolidar como explorador intrépido e conhecedor da Amazônia, Fawcett, com a mediação do embaixador britânico Ralph Paget (1864-1940), obtém um encontro com o presidente do Brasil, Epitácio Pessoa (1865-1942). Epitácio convida o então general Cândido Rondon para a reunião. A conversa entre os três não foi auspiciosa (Rohter, 2019, p. 306-311). Fawcett se recusou a aceitar as sugestões de Rondon sobre uma expedição mista. Rondon, por sua vez, não somente desconfiava dos propósitos do explorador como também desaprovava seu método e arrogância supremacista. Embora não endossasse o mérito dos expedicionários brasileiros, Fawcett não se furtou a pedir ao embaixador Ralph Paget que requisitasse os mapas do Mato Grosso ao Rondon. (Rohter 2019, p. 309; Morel, 1944, p. 19). Como chefe da seção de cartografia e principal compilador dos mapas do Mato Grosso, Francisco Jaguaribe (figura 3) tinha conhecimento cartográfico da região por onde Fawcett organizaria sua expedição.

**FIGURA 3.**  
Francisco Jaguaribe (c. 1910).  
Fonte: Museu do Índio.



Residindo em Paris para realizar pesquisas cartográficas nos arquivos franceses e providenciar a eventual publicação da carta junto ao Service géographique de l'armée, Jaguaribe foi incumbido por Rondon de desmentir os artigos recheados de exotismos, exageros e enganos que Fawcett publicava em periódicos (figura 4). A notícia de seus *desmentidos* se repete em vários jornais com idêntica formulação. Por sua vez, Rondon, que era altamente ciente do poder da mídia na mobilização da opinião pública, publicita seu desprezo pela empreitada de Fawcett em desabonador telegrama que é amplamente difundido em jornais.

FIGURA 4.  
O Fluminense, 11 mar. 1926.  
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.



Na expedição de 1920, fiel aos seus preceitos sobre a superioridade anglo-saxã, Fawcett contrata um australiano pugilista Lewis Brown, denominando de Butch Reilly no relato de *Exploration Fawcett*, e um jovem ornitólogo americano, Ernest Holt (1889-1983), que no livro recebe o nome de Felipe porque, supostamente, era assim que gostava de ser chamado, o que leva ao equívoco de ser considerado um brasileiro (Fawcett, 1953, p. 213; Grann, 2009, p. 200). O despreparo absoluto do australiano, que logo abandona a expedição, chuvas torrenciais, falta de alimentos, a perna infectada do próprio Fawcett, que o impedia de caminhar, e o desespero do ornitologista selaram o desastroso destino da expedição. Na edição do jornal *A Noite*, o telegrama de Rondon é transcrito sob uma manchete que declara: “O insucesso da expedição de Fawcett: mas a Comissão Rondon realiza o feito, em vão, tentado, no Alto Xingu” (figura 5).

A expedição do coronel Fawcett foi desbaratada em pleno chapadão pelas chuvas de novembro [...] voltou o coronel Fawcett, apesar de todo o seu orgulho de explorador [...] o homem, que partiu disposto a atravessar e cruzar os sertões do Xingu, sem cogitar como havia de se alimentar durante essa travessia, aqui está de volta, magro, naturalmente acalbrunhado por ter sido forçado a bater em retirada, antes de entrar no duro da exploração, ainda em pleno chapadão das cabeceiras do Xingu (*A Noite*, 15 dez. 1920).

De acordo com Amilcar Botelho, o chefe do escritório central da comitiva de Rondon, Fawcett teria escrito uma carta para o *A Noite*, na qual ele duvidava da autenticidade do telegrama enviado por Rondon desabonando sua expedição. Entretanto, Amilcar Botelho reitera em outra notícia de jornal que o “telegrama é autêntico” (*A Noite*, 21 fev. 1921).

FIGURA 5.  
*A Noite*, 15 dez. 1920.  
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.



**CIDADES PERDIDAS E  
MODERNIDADES DESTROÇADAS**

Aos quase 50 anos de idade, PHF atua voluntariamente como comandante de artilharia nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial. Condecorado por seus serviços apesar dos seus métodos pouco ortodoxos, que incluíam a consulta ao tabuleiro de Ouija para orquestrar os movimentos de ataque e defesa (Lees, 2020, posição 753), Fawcett expressa sua desilusão com a carnificina perpetuada.

Quando a guerra acabou, eu estava convencido de que a Grã-Bretanha declinava como potência mundial e via a Europa como um lugar a se evitar. Muitos milhares devem ter saído desses quatro anos de lama e sangue com uma desilusão similar, a qual é a consequência inevitável da guerra, exceto pelos pouquíssimos que lucram com ela (Fawcett, 2023, p. 306).

Pese a crítica contundente ao *establishment* na Primeira Guerra Mundial, Fawcett não endossou sublevações revolucionárias e não questionou em profundidade a ação imperialista inglesa. Mas a decepção com o mundo moderno o induziu a cultivar saídas esotéricas para os impasses de sua existência. Na leitura dos papéis secretos, o próprio David Grann, cujo livro posiciona Fawcett como um “grande explorador”, explicita que, inicialmente, PHF tinha descrito Z em termos científicos e com cautela:

Mas em 1924, Fawcett preencheu suas anotações com sonhos e escritos delirantes sobre o fim do mundo e sobre um mítico reino atlante, que lembrava o Jardim do Éden. Z foi transformada no “berço de todas as civilizações” e no centro de um dos “Alojamentos Brancos” de Blavatsky, onde um grupo de

seres altamente espirituais ajudava a direcionar o destino do universo. Fawcett esperava descobrir um Alojamento Branco que existia desde “o tempo da Atlântida” e chegar à transcendência (Grann, 2009, p. 319).

4 Fawcett teria tido conhecimento do manuscrito por conta do Sir Richard Burton.

Perante autoridades brasileiras e os notáveis do RGS, Fawcett tecera um razoado sobre a existência da cidade perdida de Z com base em conjunturas sobre extintas civilizações amazônicas e as suposições do famoso manuscrito anônimo dos bandeirantes de 1753, que descreveram a descoberta das ruínas de uma fabulosa cidade de pedra quando vagavam pelos sertões da Bahia em busca das minas de prata de Muribeca, que, por sua vez, são parte de uma cartografia lendária de riquezas maravilhosas (Langer, 2002).<sup>4</sup> Aos ingredientes de aventuras e mistérios – tais como o manuscrito antigo, a cidade perdida, as minas nunca encontradas – Fawcett adicionou uma relíquia pessoal, uma estatueta de um ídolo que lhe fora presenteada pelo escritor de aventuras H. Rider Haggard. Segundo PHF, a estatueta “veio de uma das cidades perdidas” (Fawcett, 2023, p. 39) e “há uma sensação peculiar percebida por todos que têm essa imagem nas mãos. É como se uma corrente elétrica corresse pelo braço, tão forte que algumas pessoas foram forçadas a pousá-la” (Fawcett, 2023, p. 39). Submetida aos olhos dos especialistas, a estatueta não foi identificada como falsa, mas tampouco foi historicamente contextualizada (Fawcett, 2023, p. 39). Entretanto, sob exame psicométrico, foi considerada uma relíquia de uma civilização perdida. A psicomетria, tal como interpretada no século XIX e nos inícios do século XX, estipulava que os objetos continham memórias de suas vivências históricas. Ao serem tocados pelo psicometrista, os objetos emitiam emanções interpretáveis. O *ídolo* de Fawcett teria provindo de Atlântida. O relevante neste panorama de conjunturas é como as *evidências* estapafúrdias são elencadas para dotar de uma certa cientificidade as propostas esotéricas.

Comenta Janet Oppenheim que, na Inglaterra, os ocultistas de meados do século XIX até a Primeira Guerra Mundial não eram rebeldes contraculturais, mas pessoas das mais variadas procedências. Existiu, segundo ela, uma “invenção do oriente”: “Os membros da ‘contracultura’ britânica nesse período criaram o oriente, se não exatamente na sua imagem, então como um reflexo do seu descontentamento com sua própria sociedade” (Oppenheim, 1985, p. 162, tradução nossa). Nesse veio, a historiadora, Alex Owen, explicita: “O ocultismo do *fin-de-siècle* atraiu uma clientela educada, geralmente provinda das classes médias, que buscava respostas às perguntas fundamentais e profundas sobre o significado da vida e as dimensões espirituais do universo.” (Owen, 2004, posição 117, tradução nossa)

## MODERNIDADES DESENCANTADAS E ENCANTADAS

Nos limites deste ensaio, não pretendo me estender no complexo debate sobre o conceito de modernidade tão carregado de sentidos que incidem sobre a disputada construção de realidades e interpretações históricas. De modo sintético e altamente seletivo, delinear a noção de modernidade se desdobra em

sua acepção enquanto período histórico, ideário e vivência cotidiana (Jaguaribe, 2007). No que se refere a este ensaio, seleciono como período histórico o contraponto entre os projetos expedicionários dos anos 1920 e os contextos varguistas de 1940 e 1950. Enquanto vivência, destaco o impacto da Primeira Guerra Mundial na geração de Rondon e Fawcett e os contrastes, no Brasil, entre os sertões e a crescente modernização do cotidiano nas cidades. Entretanto, é como ideário que o conceito de modernidade tem maior relevância aqui na delimitação das diferenças entre os projetos de Rondon e Fawcett. Por ideário moderno assinalo muito resumidamente a vertente europeia iluminista que entrevê a modernidade como um projeto caracterizado pelo predomínio da racionalidade crítica, pelo questionamento dos fundamentos da construção da realidade e pela busca de classificações e verificabilidades empíricas que sedimentariam o pensamento científico em oposição ao pensamento mágico-místico ou animista.

Em 1917, Weber pronuncia sua famosa conferência *A ciência como vocação* em que expõe:

O destino da nossa época, com a sua racionalização, intelectualização e, sobretudo, desencantamento do mundo, consiste justamente em que os valores últimos e mais sublimes desapareceram da vida pública e mergulharam ou no reino transmundano da vida mística, ou na fraternidade das relações imediatas dos indivíduos entre si (Weber, 2010, p. 32).

Para Antônio Flávio Pierucci (2003), que trilhou os sentidos do termo na obra de Weber, a noção de desencantamento é pautada pela ideia de *perda de sentido* e *desmagificação*. A perda de sentido, entretanto, não pressupõe desilusão ou desengano. Ela indica que a realidade é socialmente construída, que a crença em espíritos, deidades e forças ocultas não é um ingrediente normativo pelo qual se pode medir a existência pública. Daí a relevância da desmagificação enquanto derrota da magia, enquanto ruptura da simbiose entre o ser e o mundo oculto e entre o ser e a natureza. Weber não descarta o encantamento enquanto potente experiência, mas o delega ao plano do subjetivo, da epifania, do místico e do afeto. A modernidade desencantada, neste sentido, convive com a religiosidade institucional e burocratizada. Nela há o predomínio da racionalidade instrumental e calculista, que entretanto convive com a possibilidade de questionamento da realidade e da experiência por meio do pensamento crítico e da ciência com seus dados empíricos e crença no progresso e na emancipação humana.

Argumento que, em sua adesão fervorosa ao positivismo, Cândido Mariano Rondon representa em uma faceta dessa modernidade desencantada. Doutrinado pelos mestres da Escola Militar, Rondon endossou um positivismo já um tanto desatualizado para seu tempo. A crença no progresso evolutivo, na imperiosa necessidade de abandonar especulações metafísicas para se ater ao empírico, prático e verificável e a busca pela produção de um conhecimento científico implicaram em estratégias de modernização com resultados tantas vezes destrutivos para os povos indígenas. O mesmo ímpeto de progresso, entretanto, também possibilitou uma pesquisa etnográfica de mundos em



desaparição. Os legados dos povos originários foram estudados pela Comissão Rondon e a prédicta “Morrer se preciso for, matar nunca” continuou vigente na interação entre os agentes da Comissão Rondon e os indígenas. Mas o ponto a assinalar é que o mundo de crenças indígenas, suas cosmogonias e sua relação natureza/cultura foram desqualificados como pertencentes a um estágio anterior da evolução. A natureza tornou-se apartada da cultura e imbuída de taxinomias classificatórias. Entretanto, isso não significa que enquanto sertanejo e nativo do Mato Grosso, enquanto homem mestiço com forte ascendência indígena, Rondon não nutrisse, em escritos e depoimentos, seu apreço pela paisagem e, sobretudo, seu respeito pelos povos originários. Mas tais sentimentos, por assim dizer, estavam subordinados aos imperativos do projeto positivista e às prerrogativas do progresso da nação.

Em contrapartida, os ideários cultivados por Fawcett se nutriam do encantamento ocultista, da teosofia e da crença nas conexões entre realidades distintas captadas por poderes mediúnicos. Esses ideários informados pelas correntes ocultistas da época – Fawcett escrevia artigos para periódicos do gênero – eram também uma resposta pessoal e sintomática tanto a uma *malaise* de época, ante a massificação moderna e debilitamentos espirituais quanto a uma saída para seus próprios impasses de carreira e falta de reconhecimento. Contra a prédicta do progresso linear, esses preceitos ocultistas apontavam para a sabedoria de civilizações pretéritas e a existência de mundos invisíveis de forças subterrâneas e encarnações. A pluralização de realidades não poderia ser comprovada pela verificação empírica. Tais preceitos não descartam a ênfase que Fawcett colocava em hierarquias de conhecimento em que cultivava uma crença na supremacia civilizatória tanto de indígenas do passado quanto da cultura europeia. Fawcett não é um pensador consistente. Seu ocultismo não tem a coerência doutrinária do positivismo de Rondon nem a sofisticação intelectual de Madame Blavatsky, embora esta já tivesse sido fortemente criticada em seu tempo. Influenciado pela teosofia e pelos seus preconceitos supremacistas, Fawcett construiu um salpicado de crenças cujo afo final era não somente o encontro da cidade perdida comprobatória de grandiosas civilizações do passado, mas também a inauguração de outra ordem civilizatória em que sua figura teria destaque.

Embora colocados em campos antagônicos como se fossem conjuntos de visão de mundo opostos, esses ideários de desencantamento/encantamento são porosos e resultantes da experiência moderna. Tal como sugerido pelo próprio Weber, o desencantamento suscita seu reencantamento compensatório (Schluchter, 2014, p. 47). O projeto de Rondon calcado na ciência empírica, na crença evolucionista, na construção da nação e da cidadania era firmemente desencantado. Entretanto, sua convicção positivista também se estendia à aceitação plena dos preceitos da *religião da humanidade* construída por Comte após a morte de sua amada Clotilde de Vaux. Na mitificação de Clotilde e na frase emblemática: “Os vivos serão sempre e cada vez mais governados pelos mortos”, frase que adorna até hoje os portões do templo positivista do Rio de Janeiro, o pensamento evolucionista de Comte adquire uma assombração encantatória. O panteão dos mortos admiráveis projeta sua alongada sombra na existência dos viventes. Ao endossar plenamente a religião da humanidade,

Rondon se aparta do método puramente empírico para abraçar o panteão dos mortos heroicos que ombrearia o futuro da humanidade.

A convivência e a porosidade de fronteiras entre o racional, o instrumental, o factual e o ocultismo pseudocientífico expressam produções de realidades nas quais o desencantamento e o reencantamento permeavam o cotidiano nas grandes cidades dos anos 1920. Como comenta Andrew Lees sobre o pensamento mágico na Inglaterra:

[...] a ciência tinha feito o paranormal e o oculto mais crível. Se cabos podiam enviar mensagens da Europa para a América, câmeras recordavam imagens para a posteridade e os raios x podiam enxergar debaixo da pele humana, então por que psíquicos não poderiam se comunicar com o além-mundo e os mortos vivos? (Lees, 20, posição 1578, tradução nossa).

Na década de 1920, marcada pela experiência devastadora da Primeira Guerra Mundial, pelo imperialismo europeu, pelo esgotamento do desconhecido no mapeamento do mundo, pela inovação científica-tecnológica, pela experimentação estética e insurreições revolucionárias, os ideários do progresso evolutivo foram afirmados e também refutados. A busca de Fawcett pela cidade perdida na selva brasileira, que revelaria os segredos da Amazônia e redesenharia a história do mundo, expressou um desejo tão moderno de estar *fora da modernidade*, buscando raízes míticas, que empoderariam os *iluminados*. Já no projeto nacional de Rondon, a arqueologia do passado reforçava narrativas fundacionais do Brasil trilhando os rastros dos povos originários. Comenta Ramos Júnior sobre o endosso de Rondon a uma ciência nacionalista: “Um dos objetivos dessa ciência era a produção de uma cartografia do passado nacional, especialmente pensado naquela parte mais visível dele, os artefatos arqueológicos e as pinturas rupestres” (2015, p. 105). Entretanto, fundando escolas, introduzindo indígenas brasileiros aos rituais da nação, colocando-os sob tutela do Estado e endossando a prédica do progresso, Rondon e seus colaboradores estavam mais empenhados em construir a cidade do futuro do que em aprender com as ruínas do passado. A penetração da Comissão Rondon nos sertões brasileiros e seus esforços científicos e cartográficos abriram caminhos para as radicais transformações do Mato Grosso e da região Centro-Oeste. O torrão nativo de Rondon, o Mato Grosso, depois subdividido em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, em 1977, transformou-se em território do poderoso agronegócio. Cuiabá, que Fawcett descrevera como suja e acanhada, expandiu-se como mais uma das inúmeras cidades verticalizadas do Brasil. A Marcha para o Oeste, implementada pelo governo Vargas na década de 1940 e que contou com o apoio de Rondon, teria desdobramentos nos anos 1950-60 com a inauguração de Brasília, a cidade modernista erguida no Planalto Central do Brasil, que encarnou as utopias do desenvolvimentismo e a promessa do futuro inaugurado no presente.

## RUMORES, RESÍDUOS E RELATOS: REALISMO E FICÇÃO

Em 1940, Getúlio Vargas torna-se o primeiro presidente da República a ter algum contato com indígenas amazônicos quando realiza sua viagem à Ilha do Bananal e encontra os Karajás. Amplamente fotografada e reproduzida em cinejornais, a visita foi coreografada pelas lentes do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) para endossar a retórica do Estado Novo sobre a contribuição dos indígenas à nação brasileira (Garfield, 2000, p. 14). É ainda neste contexto de exaltação nacionalista dos indígenas brasileiros que Edmar Morel realiza sua viagem em 1943 e publica sua reportagem “E Fawcett não voltou” um ano depois. No seu prefácio laudatório, Rondon explicita

Com a confissão dos índios Kalapalos, filmada e gravada pela equipe etnográfica do CNPI [Conselho Nacional de Proteção aos Índios] e as pesquisas de Edmar Morel, feitas com critério e paciência, o chamado caso Fawcett está devidamente esclarecido. E a minha alegria é maior por se tratar do esforço de um repórter brasileiro (Morel, 1944, p. 15).

Abalizada pela autoridade de Rondon, pela sua experiência expedicionária e sua coleta de *fatós*, a narrativa de Morel almeja três objetivos: desmascarar Fawcett como um aventureiro, caçador de tesouros, excêntrico espiritualista e forasteiro arrogante; exaltar a ação nacionalista de Rondon e seus militares; e publicitar o seu furo jornalístico com a revelação bombástica de que o adolescente Dulipé, indígena Kuikuro, teria sido filho de Jack Fawcett com uma mulher Kuikuro. No tocante ao primeiro objetivo, Morel recorre aos comentários feitos pelo Capitão Francisco Jaguaribe que circularam nos jornais brasileiros. Nas palavras de Morel:

Em 1926, encontrava-se em Paris o capitão Jaguaribe de Matos que, como chefe dos Serviços de Cartografia da Missão chefiada pelo General Cândido Rondon, acompanhava a impressão da carta de Mato Grosso. Como é sabido, os trabalhos do coronel Percy H. Fawcett eram confiados à *Newspaper Alliance*, que os distribuía aos jornais, dentre eles o *Le Petit Parisien*. Surpreendido com uma série de artigos assinados por Fawcett e divulgados por aquele conhecido órgão francês, sob o título geral *Où Faut-il Situer Le Berceau De la Civilization?*, aquele oficial brasileiro enviou um protesto ao diretor de *Newspaper Alliance*, com sede em Londres, refutando, nas declarações de Fawcett, um amontoado de mentiras e de insultos aos nossos indígenas (Morel, 1944, p. 97).

5 Segundo Morel, a carta de Ralph Paget se encontrava no acervo particular de Francisco Jaguaribe.

No intuito de fornecer dados empíricos para desabonar as explorações de Fawcett, Morel reproduz a carta do embaixador Ralph Paget, na qual este pede ao General Rondon o envio de mapas do Mato Grosso por intermédio do naturalista americano Ernest Holt (Felipe), que se juntava a Fawcett na desastrosa expedição de 1920 (Morel, 1944, p. 102).<sup>5</sup>

Morel produz fatos que são maiormente corroborados por documentos de arquivo e imprensa. Entretanto, seu *furo* jornalístico sobre o indígena Dulipé é fabricado para criar um acontecimento com base na repetição de rumores e dizeres. A narrativa, inclusive, deve se sobrepor à evidência fotográfica, pois as imagens publicadas revelam que Dulipé era um jovem indígena albino e não um mestiço de inglês com indígena Kuikuro. Com a invenção de Dulipé, Morel atiza o imaginário romanesco, que tem sua genealogia na literatura indianista do seu conterrâneo José de Alencar (1829-1877), que escreveu os romances fundadores do encontro entre indígenas e portugueses nos primórdios da exploração do Brasil. Entretanto, Morel abandona o imaginário literário romântico quando expressa:

Agora vivendo entre as índias do Xingu, sinto o contraste doloroso do romance. Vejo índias impaludadas, olhos inflamados, ventres salientes e seios descarnados e caídos. Os cabelos sujos e maltratados não têm o brilho da asa da graúna (Morel, 1944, p. 169).

Morel jamais retifica a sua narrativa de Dulipé. Como Brian Fawcett insistentemente afirmara, seu irmão Jack não demonstrava interesse algum no sexo feminino e estava sempre acompanhado do seu amigo Raleigh Rimmel. Dulipé é o personagem mais trágico dessa confabulação jornalística. Desenraizado dos seus familiares, enviado a esmo a Cuiabá, termina seus dias embriagado e morre assassinado numa briga de bar.

Entre as várias expedições em busca de Fawcett, a comandada pelo anglo-americano George Dyott (1883-1972), em 1928, alcançou notável autoridade, embora, posteriormente, suas conclusões também tivessem sido rebatidas porque não ofereciam evidências convincentes do suposto assassinato de Fawcett pelos indígenas Nahukwá. Financiada pela *North American Newspaper Alliance* e endossada pela RGS, Dyott embarca rumo ao Xingu com volumosa equipe, robusta equipe e alarde publicitário. Na jornada, encontra os indígenas Nahukwá, cujo cacique, Aloique, lhe provoca desconfiança. Ao avistar pendurada no pescoço de uma criança uma plaqueta de metal inscrita com as iniciais da empresa inglesa que forneceu equipamento a Fawcett e ao encontrar um baú de metal usado pelo exército inglês na oca do cacique, Dyott as considera provas concretas de resíduos deixados pelo explorador inglês na expedição de 1925 (Grann, 2009, p. 285-286). Estes parcos indícios e o encontro com o indígena Bernardino, que relata ter levado os três ingleses ao rio Culuene, foram suficientes para que Dyott afirmasse que Fawcett teria sido assassinado pelo Aloique. Em “Esqueleto na Lagoa Verde”, Callado afirma “[...] a expedição de Dyott trouxe provas tão convincentes que a região dos formadores orientais do Xingu e principalmente a forquilha do Culuene e do Tanguru ficaram sendo a zona do desaparecimento” (Callado, 2010, p. 25).

Em *Ruins in the Sky*, Brian Fawcett detalha sua discordância com as conclusões de Dyott explicitando que a expedição de 1925 não contou com o auxílio do indígena Bernardino, e sim com os guias Gardenia e Simão, que foram dispensados ao chegarem ao Campo do Cavalo Morto, assim denominado porque o cavalo de Fawcett teria perecido neste local na malfadada expedição de 1920 (Fawcett, 1958, p. 71).

Assim como as suposições de Dyott são questionadas, as diferentes versões dos vários grupos indígenas são contraditórias. Os Nahukwás acusaram os Suás de terem exterminado os expedicionários ingleses; já os Kalapalos teriam confessado ao repórter Edmar Morel que assassinaram Fawcett, Jack e Raleigh porque, segundo o cacique Kalapalo, Izarari – que teria matado PHF – este último queria obrigá-los a se aventurarem pelos territórios dos Kaiapós (Morel, 1944, p. 202). Na reportagem de Callado, Orlando Villas-Boas não teria credenciado a versão de Morel porque Izarari “era um menino naqueles dias de 1925 em que Caiábi era o cacique. Fawcett, na versão de Villas-Boas, teria sido morto por uma bordunada que lhe aplicara Cavucuira (já morto), um guia que Fawcett exasperara três vezes e acabara despedindo sem presentear” (Callado, 2010, p. 26). As narrativas se esfumaçam em rumores quando os depoimentos colhidos se contradizem, os resíduos de evidência nada comprovam e os interlocutores desconhecem as línguas indígenas e as coordenadas geográficas precisas da desapareição. O único com domínio de idiomas e contextos culturais dos indígenas entrevistados, Orlando Villas-Boas, recebeu avaliações contraditórias de Brian e Callado. Na visão de Brian Fawcett, Villas-Boas proferia suas opiniões em um tom “gentil, apostólico” (Fawcett, 1958, p. 178, tradução nossa). Essa característica é vista com desconfiança na medida em que Brian se convence de que os Kalapalos foram submetidos a uma catequese confessional por parte de Orlando Villas-Boas, que com isso intencionava encerrar o mistério da desapareição de Fawcett e cessar a intromissão de forasteiros no Xingu. Diante das vociferações do repórter dos *Diários Associados*, Romildo Gurgel, que interrogava os Kalapalos com estridência, Orlando Villas-Boas teria assumido um aspecto de bandeirante predador, “o olhar de Villas-Boas era menos semelhante ao de Cristo e mais parecido com o de um bandeirante” (Fawcett, 1958, p. 204, tradução nossa). Callado narra o mesmo episódio, mas a sua crítica recai sobre Gurgel e suas encenações que teriam enfurecido Orlando Villas-Boas e causado desavenças com os Kalapalos, ofendidos com a gritaria. Gritaria esta, aliás, confirmada por Brian quando cita as palavras do indígena Naho: “Kalapalo nunca mente, veja! Ele sibilo. Kalapalo não goste de pessoa que grita!” (Fawcett, 1958, p. 209, tradução nossa).

*Ruins in the Sky* reposiciona Brian como protagonista. A primeira parte é dedicada ao Peru e suas experiências como engenheiro ferroviário, e a segunda se concentra na sua procura pelos rastros do pai no Xingu em 1952. Brian Fawcett ainda voltaria mais uma vez ao Brasil, em 1955, ansioso por encontrar pistas do irmão perdido, já que este supostamente poderia ainda estar vivo. Ambas as suas expedições fracassaram. Na primeira, de 1952, que fora financiada por Assis Chateaubriand, o livro *Exploration Fawcett* já estava entregue aos editores, segundo depoimento de Antonio Callado. Entretanto, algumas fotografias da expedição ao Xingu foram incluídas nessa publicação. A segunda viagem ao Brasil é narrada somente em *Ruins in the Sky*, que também faz ampla menção à viagem de 1952.

Sob os holofotes dos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand, Brian Fawcett parte em companhia de Romildo Gurgel, repórter dos *Diários Associados*, e do fotógrafo Richard Sasso. Assis Chateaubriand já protagonizara um episódio anedótico quando transportara para a Inglaterra o suposto esqueleto de Fawcett



encontrado por Orlando Villas-Boas na Lagoa Verde, no Xingu. Os Kalapalos teriam *confessado* a Villas-Boas que haviam assassinado os ingleses. Entretanto, em veredicto dado tanto pelo Museu Nacional de Antropologia do Brasil quanto pelos técnicos ingleses do Real Instituto Antropológico, de Londres, o esqueleto encontrado não correspondia à ossatura de Fawcett. Quando Brian e Antonio Callado se aventuram em direção à Lagoa Verde, já estavam cientes de que os ossos não eram de Fawcett, entretanto, buscavam as versões indígenas sobre a desapareição do Coronel.

Em *Ruins in the Sky*, Brian Fawcett, que chama Antonio Callado de Tony, comenta: “Eu gosto de Callado. Ele é um camarada muito lido, interessante, e teria desfrutado de conversar mais com ele se Romildo não me tivesse avisado que era melhor evitá-lo porque ele pertencia a um jornal concorrente” (Fawcett, 1958, p. 189, tradução nossa). No tocante às habilidades de Callado enquanto escritor, Brian elogia “O livro de Tony Callado reflete a filosofia erudita de um homem cujas capacidades literárias o teriam colocado numa posição enaltecida no mundo das letras se não tivesse as responsabilidades editoriais de um jornal com a importância cultural do *The Times* que, implacavelmente, demandava toda sua devoção (Fawcett, 1958, p. 194, tradução nossa). Brian Fawcett não somente elogia o livro de Callado e agradece pelas informações nele contidas como também enfatiza que, pese as diferenças de seus pontos de vista, suas narrativas factuais coincidem (Fawcett, 1958, p. 194).

Callado, então repórter do *Correio da Manhã*, viaja ao Xingu patrocinado por Assis Chateaubriand. Esta primeira viagem, de 1952, não teria sido a única realizada sob os auspícios do magnata da mídia (Styger, 2010, p. 148). Além do personagem do indígena Anta, a reportagem “Esqueleto na Lagoa Verde” antecipa temas fundamentais de *Quarup* (1967), o romance mais emblemático do escritor. Enquanto em *Quarup* personagens diversos são inventados para constituírem representações dos dilemas brasileiros, notadamente a injustiça social, a exploração da natureza, o dilaceramento dos indígenas e a opressão dos pobres, em *Esqueleto na Lagoa Verde*, é o narrador-repórter quem expõe suas incertezas sobre um projeto de nação. Nas narrativas entrelaçadas está a história de Fawcett contada com a informação disponível naquele momento, há o retrato de Orlando Villas-Boas como força redentora, surge um Brian preocupado em reivindicar a fama do pai como explorador, e não caçador de tesouros, e despontam indígenas mais ou menos pincelados.

Afora a fina ironia detectada por Davi Arrigucci Jr. (2010), a reportagem de Callado é marcada pela indagação sem resposta. Os ossos do esqueleto da Lagoa Verde deveriam ser de Fawcett, mas não eram. As narrativas dos indígenas revelam-se contraditórias. Villas-Boas, segundo Callado, simpatizara com Brian e abominara o comportamento histeriônico do repórter do *Diários Associados*, Romildo Gurgel. Fulminaria Villas-Boas, “A morte de quinze Fawcetts me interessa menos do que a amizade desses índios... Eles estão se sentindo inquietos e talvez ofendidos (Callado, 2010, p. 80). Já Brian, em *Ruins in the Sky*, superdimensiona Gurgel e desqualifica Villas-Boas apontando sua manipulação de eventos e fatos.

Se o mistério de Fawcett perdura, a indagação mais potente da reportagem não é sobre o destino dos três ingleses desaparecidos, a dúvida mais profunda

é sobre um projeto viável para a invenção da nação brasileira. Em particular, na figura de Orlando Villas-Boas, vislumbrou uma abnegação que deveria ter sido melhor amparada. Callado não concebeu alternativa que não fosse a integração das populações nativas, mas almejou uma integração sem subserviência ou total assimilação cultural. Sustentou a necessidade de criação do Parque Nacional Indígena e a gradual educação dos indígenas nos termos que lhes fossem benéficos, ou seja, endossou o modelo de proteção da reserva e um projeto educativo que valorizasse culturas nativas.

## CONCLUSÃO

Por meio do estudo de caso do desaparecimento de Percy Harrison Fawcett, contextualizei como as figuras e os projetos expedicionários de Candido Rondon e PHF foram permeados pela disputa entre modelos contrastantes e justapostos de modernidades desencantadas positivistas e modernidades encantadas ocultistas no âmbito dos anos 1920. Apoiada em pesquisa original de fontes e bibliografia, argumentei que esses projetos revelam vertentes das experiências modernas em que a busca de sentido, o investimento em uma individualidade propositiva e o desejo de controle sobre alteridades indígenas e realidades ocultas estão embricados. Como em tantas instâncias onde o aparato do Estado fomenta a destruição de culturas originárias e também conhecimento sobre elas, as ações de Rondon são tensionadas por ambas as características. Pese a rigidez de sua agenda positivista, afora sua construção do regime de tutela e os efeitos tantas vezes deletérios de sua exploração para os indígenas do Mato Grosso e das regiões amazônicas, Rondon e seus colaboradores construíram um *corpus* cartográfico, etnográfico e iconográfico de alta relevância. Conforme já mencionado, a política pacificador-positivista de Rondon oferecia maiores garantias aos indígenas do que as espoliações violentas praticadas ao longo da história do país. Já o legado de Percy Fawcett não é resultante do seu pensamento original nem de suas contribuições como explorador. Fawcett tornou-se lendário e isso fomentou uma proliferação midiática e narrativa que se renova ao sabor das sensibilidades de cada período e das demandas por um *exotismo* de alteridades ainda vigentes nas produções *mainstream* de *blockbusters* e livros de aventuras.

Na segunda parte do ensaio, analisei as narrativas e reportagens de Brian Fawcett, Antonio Callado e Edmar Morel nos contextos dos anos 1940 e 1950. A disputa ao redor de uma narrativa legitimadora e explicativa sobre Fawcett e seu sumiço se renova nos derradeiros anos do governo Vargas. A persistência deste tema se dá não somente pela perduração da aura de mistério irresoluto que a desapareição do Coronel provocou. O interesse por Fawcett continuava vigente nessas décadas porque várias questões candentes suscitadas pela sua desapareição e seu projeto expedicionário continuavam irresolutas. Entre elas estavam os dilemas do projeto de nação moderna e as problemáticas de aculturação; o questionamento sobre a natureza das expedições de exploração e o pertencimento territorial indígena; e finalmente, na arena midiática emergiam as discrepâncias entre as narrativas pautadas pelo realismo factual e os rumores variados. Sobretudo, os relatos orais dos interlocutores indígenas

não afirmavam uma versão única. Enquanto Morel endossou um nacionalismo *cordial* brasileiro nos anos 1940, Callado pincelou a ambivalência sobre a possibilidade de convivência e invenção de realidades tão díspares no Brasil dos anos 1950. Já Brian Fawcett endossou a mitificação da figura paterna, questionou a validade de algumas versões brasileiras, mas, na ânsia de se tornar um narrador legítimo, investiu no realismo novelesco enquanto obliterou suas próprias inclinações ocultistas.

É significativo o contraste entre as falas indígenas narradas por Morel, Fawcett, Callado e Villas-Boas e o momento contemporâneo de empoderamento identitário. O desmantelamento do regime de tutela, que somente se consolidou com a constituição de 1988, a real democratização do Brasil, a visibilidade e a relevância da diversidade étnica, e o impacto da contribuição de autores e líderes indígenas modificaram as agendas e condições de fala na arena mediática e pública.

Entretanto, num cenário de forte devastação ecológica, contestada democratização e acentuadas discrepâncias sociais, o Brasil, como país do futuro, se fragiliza. Aliás, a própria noção de futuro se esgarça porque o almejado progresso acena com a catástrofe e as noções de realidade se pulverizam sem solo comum.

## REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR., Davi. O sumiço de Fawcett. In: CALLADO, Antonio. **Esqueleto na Lagoa Verde: ensaio sobre a vida e sumiço do Coronel Fawcett**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CALLADO, Antonio. **Esqueleto na Lagoa Verde: ensaio sobre a vida e sumiço do Coronel Fawcett**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DYOTT, George Miller. **Man Hunting in the Jungle: Being the Story of a Search for Three Explorers Lost in the Brazilian Wilds**. Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1930.

FAWCETT, Brian. **Ruins in the Sky**. Londres: Hutchinson, 1958.

FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett: Journey to the Lost City of Z**. [1953]. Nova York: The Overlook Press, 2010.

FAWCETT, Percy Harrison. A Expedição Fawcett: jornada para cidade perdida de Z. Rio de Janeiro: Record, 2023.

FLEMING, Peter. **Brazilian Adventure**. New York: Grosset & Dunlap, 1933.

GARFIELD, Seth. As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: os índios e o Estado-Nação na era Vargas. In: **Revista Brasileira de História**, v. 20, n. 30. São Paulo: Associação Nacional de História, 2000.

GRANN, David. **The Lost City of Z: a Tale of Deadly Obsession**. Nova York: Vintage, 2009.

HEMMING, John. **Die if you must: Brazilian: Indians in the Twentieth Century**. Londres: Macmillan, 2003.

HEMMING, John. The Lost City of Z is very long way from a true story – and I should know. **The Spectator**, [S.l.], 29 dez. 2017. Disponível em: <https://www.spectator.co.uk/article/the-lost-city-of-z-is-a-very-long-way-from-a-true-story-and-i-should-know/>. Acesso em: 6 out. 2024.

JAGUARIBE, Beatriz. **O choque do real: estética, mídia, cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

JAGUARIBE, Beatriz. “Desmemória e cartografia: uma crônica da carta de Mato Grosso”. **Serrote**, n. 41, jul. 2022. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2022.

JAGUARIBE, Beatriz. “Lost and Future Cities: Exploration in the Wilderness and Imaginaries of Modernities in Brazil”. **Portal**, 2024. Disponível em: <https://sites.utexas.edu/llilas-benson-magazine>. Acesso em: 6 out 2024.

JOHNSON, Kenneth Paul. **The Masters Revealed: Madame Blavatsky and the Myth of the Great White Lodge**. Delhi: Satguro Publications, State University of New York, 1994.

LANGER, Johnni. A cidade perdida da Bahia: mito e arqueologia no Brasil Império. *In*: **Revista Brasileira de História**, v. 22, n. 43. São Paulo: Associação Nacional de História, 2002.

LEAL, Hermes. **Coronel Fawcett, a verdadeira história do Indiana Jones**. São Paulo: Geração de Comunicação Integrada Comercial, 2000.

LEES, Andrew John. **Brazil that Never Was**. Londres: Nottinghill Press, 2020. Edição Kindle.

LIMA, Antônio Carlos de Souza. **Um grande cerco de paz: poder tutelar, indianidade e formação de Estado no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MOREL, Edmar. E Fawcett não voltou. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 1944. p. 102.

NEVES, Eduardo Góes. **Amazônia revelada**. 2024c. Disponível em: <https://amazoniarevelada.com.br/>. Acesso em: 6 out. 2024.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

OPPENHEIM, Janet. **The Other World: Spiritualism and Psychical Research in England, 1850-1914**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

OWEN, Alex. **The Place of Enchantment: British Occultism and the Culture of the Modern**. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 2004. Edição Kindle.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber**. São Paulo: Editora 34, 2003.

PRÜMERS, Heiko; BETANCOURT, Carla Jaimes; IRIARTE, José; ROBINSON, Mark; SCHAICH, Martin. Lidar reveals pre-Hispanic low-density urbanism in the Bolivian Amazon. *In*: **Nature**, v. 606, 9 jun. 2022. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41586-022-04780-4>. Acesso em: 6 out. 2024.

RAMOS JÚNIOR, Dornival Venâncio. Cartografias do passado, arqueologias do presente: as ideias de Percy Harrison Fawcett sobre a Amazônia. *In*: **Revista História da UEG**, v. 4, n. 2, p. 97-113. Anápolis: UEG, 2015.

ROHTER, Larry. **Rondon: uma biografia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

ROSTAIN, Stéphen; DORRISON, Antoine; SAULIEU, Geoffroy de; PRUMERS, Heiko; et al. Two Thousand Years of Garden Urbanism in the Upper Amazon. *In*: **Science**, v. 383, n. 6.679, 11 jan. 2024.

Recebido em:

**18/10/2024**

Aprovado em:

**02/10/2025****Disponibilidade de dados de pesquisa:**

Os dados de pesquisa estão disponíveis no corpo do documento.

**Editores responsáveis:**

- Adriana Teixeira
- Fábio Fonseca de Castro
- Maurício Ribeiro da Silva
- Norval Baitello

SCHLUCHTER, Wolfgang. **O desencantamento do mundo: seis estudos sobre Max Weber**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.

STYCER, Mauricio. Jornalismo na Lagoa Verde. *In*: CALLADO, Antonio. **Esqueleto na Lagoa Verde: ensaio sobre a vida e sumiço do Coronel Fawcett**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: Cosac & Naify e N-1 Edições, 2015.

WEBER, Max. **A ciência como vocação**. Covilhã: LusoSofia Press, 2010. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/weber/ano/mes/conceitos.pdf>. Acesso em: 6 out. 2024.

## PERIÓDICOS

**A Noite**, 15 de dezembro de 1920.

**A Noite**, 21 de fevereiro de 1921.

**Correio Paulistano**, 7 de março de 1926.

**Gazeta de Notícias**, 7 de março de 1926.

**O Fluminense**, 11 de março de 1926.

### BEATRIZ JAGUARIBE

é professora emérita da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi recipiente das bolsas Guggenheim, Robert F. Kennedy (Universidade de Harvard) e da Cátedra Andrés Bello (New York University). Entre suas publicações estão os livros *Fins de século* (1998), *O choque do real* (2007), *Rio de Janeiro: Urban Life Through the Eyes of the City* (2014).

**beajaguar@gmail.com**